

ESCOLA: DA MAGIA DA CRIAÇÃO - AS ÉTICAS QUE SUSTENTAM A ESCOLA PÚBLICA

BEDIN, Silvio Antônio – UPF – sbedin@upf.br

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: CAPES

*“Mas já que se há se escrever,
que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.*

O melhor ainda não foi escrito.

O melhor está nas entrelinhas.”

Clarice Linspector

*“Uma verdadeira viagem de descoberta
não é a de pesquisar novas terras,
mas de ter um novo olhar.”*

Marcel Proust

Olhar a Escola Pública com um olhar lúcido e generoso, sem deixar de ver suas mazelas mas procurando realçar o que a sustenta e dá vigor, eis o que propus a fazer com minha pesquisa. Poetas e prosadores têm me inspirado e amparado, nesta minha “*viagem de descoberta*”, a olhar para a Escola com “*um novo olhar*”, como sugere Proust (apud MORIN, 2000b, p. 107) colocando os “*binóculos mentais*” da complexidade, de que fala Morin (1990, p. 167), para compreender a teia que a configura e os movimentos que a perpassam, fazendo-a permanecer de forma renovada a cada novo dia. Eis a teia que simboliza aquilo que nossos olhos se esforçam para ver e que nem sempre as palavras dão conta de explicar, o que subjaz nas camadas profundas do real que se deixa ver. Eis a Escola, essa teia orgânica de relações que me propus a investigar, despindo-me das viseiras condicionantes do “*dever-ser*”, procurando “*epifanizar*”, como propõe Maffesoli (1996, p. 9-21), as lógicas e movimentos que nela se manifestam, sustentam e dão vigor.

Enfim, mais uma vez deixo-me inspirar pela poesia para dar ênfase ao que preciso anunciar depois dessa longa e preciosa jornada em que me dediquei à compreensão de

como pode a Escola Pública subsistir no bojo do turbilhão que a domina e consome indefinidamente. Eis que trago agora, traduzido em palavras, o que consegui perceber nas *entrelinhas da vida cotidiana de uma Escola*, mergulhada em luz e escuridão, daquilo que concorre para fazê-la permanecer assim como é. Cecília Meireles já havia dito que *“a vida só é possível reinventada”*. Esforcei-me em compreender esse mistério da permanência da Escola que, apesar de tudo, consegue recriar-se, reinventar-se e se ornar de beleza, como a vida, a cada novo dia. Contudo, inspirado por Clarice, faz-se mister que diga de antemão que *“o melhor ainda não foi escrito”* e que ainda há muito para ser desvendado.

Este trabalho é fruto do esforço deste pesquisador em traduzir suas percepções em palavras, daquilo que conseguiu recolher na convivência e nas *entrelinhas* da Escola pública, que escolheu para seu *aluvião de garimpo*. Trata-se, acima de tudo, de um *testemunho* cercado daqueles cuidados recomendados a quem se propõe ao ofício (MORIN, p. 19-31).

É preciso, pois, começar assumindo, com consciência e risco, esta confissão: o que produzi carrega as ambigüidades do pesquisador que, para melhor compreender o mistério que se propôs a investigar, fez-se companheiro de seus pares e *ator* na construção dos processos que com eles ajudou a construir no interior da Escola. Minha confissão, contudo, não carrega o peso da culpa. Maffesoli (1998, p.64) me fez ver, com muita propriedade, que

“As raízes de um ser, e as de uma comunidade são uma mistura de passado, presente e futuro, mas não podem ser compreendidas de um modo externo; é preciso ir buscar sua lógica no próprio interior das mesmas sob pena de se obter uma visão abstrata, desencarnada e superficial”.

Foi o que fiz: não apenas entrei no coração do objeto de estudo, como dele me fiz parte integrante, vibrando com suas emoções, partilhando de seus sentimentos e afetos, padecendo seus sofrimentos e aflições, sonhando e construindo suas utopias, inspirado pelo que ele chamou de *“sociologia acariciante”* (MAFFESOLI, 1998, p 47.)

Por fim, assumi aquilo que Morin (2000f, p. 150) aponta como pertinente ao ofício: *“o papel do pesquisador é o de impedir que as pessoas andem em círculo”*. A *mostração* que trago com este trabalho traduz esse movimento que me constituiu assim, como testemunha e como ator que se dispôs a contribuir para romper com os círculos viciosos da Escola. Ademais, a linguagem textual e a análise empregada revelam e denunciam meus próprios limites e contradições, expondo claramente as tensões e ambigüidades que acompanham o ofício de pesquisador, deste em particular.

Não obstante, apresento esta reflexão da reflexão, demarcada pelo distanciamento e amadurecimento pessoal, que tão somente se propõe a explicitar o que vi, ouvi, senti, percebi do meu estar na Escola, com todo cuidado para que as palavras não esmaguem aquilo que sobrevive nas entrelinhas, por que nem tudo está dito. Como advertiu Clarice, por mais que se queira, *“nunca se toca no nó vital de alguma coisa”*.

Uma Escola de Ensino Médio da Rede Estadual do Rio Grande do Sul foi minha *data de garimpo* desde que nela adentrei no alvorecer de 2000. Uma Escola septuagenária e com aproximadamente mil e setecentos alunos, de todos os níveis da Educação Básica, um conjunto oscilante em torno de setenta professores, dezenove funcionários e uma multidão de pais e mães ao seu redor. Durante esses quatro anos, participei da equipe diretiva que implementou os processos que registrei no meu trabalho.

Tomando por metáfora a Escola como uma Teia, cujos liames são tecidos pelas relações, propus-me a desenvolver esta pesquisa buscando perscrutar as éticas presentes no fluir das emoções vividas e corporificadas nas ações, posturas, atitudes, comportamentos dos sujeitos que a configuram e tecem. Para o desenvolvimento da pesquisa constituí amostras de professores/alunos/pais/mães buscando contemplar e ouvir representantes de todos os segmentos que compõem a Comunidade Escolar:

- 1) Constituí uma amostra de sete professores, representantes dos *“elos de conglutinação”* da Teia, a quem procurei acompanhar, pela observação, em seu agir nas relações e posturas frente aos seus colegas, aos alunos e à Escola e a quem entrevistei individualmente em busca dos aprendizados de sua experiência sobre os valores, sabores e sentidos da convivência e trabalho na Escola.

- 2) Constitui amostras de alunos (uma para cada professor escolhido da amostra dos professores), com representantes de turmas onde o professor tem (ou teve) atuação. Com as sete amostras desenvolvi entrevistas coletivas buscando que os alunos explicitassem como são tecidas as relações dos professores em sala de aula, as qualidades que admiram e gostam em suas relações na Escola, os sabores e dissabores que temperam a convivência e as motivações de seu retorno cotidiano à Escola.
- 3) Constitui uma amostra de pais/mães que participam voluntariamente de atividades na Escola (CPM/Conselho Escolar/Oficinas Esportivas), a quem entrevistei coletivamente, em dois grupos distintos, buscando explicitar as razões e sentidos que atribuem à sua participação voluntária e à Escola. Incluí nesta amostra uma mãe, que também é funcionária da Escola e a professora que criou e coordena as Oficinas Esportivas.

Foram ao todo sessenta e um os sujeitos que entrevistei. Gravei e transcrevi vinte e duas fitas com os depoimentos colhidos nesta fase da pesquisa, a partir dos quais elaborei o relatório que incluí no meu trabalho. Além disso, de minha *observação reflexiva* do e no cotidiano escolar produzi um extenso Diário de Campo, de onde extraí os fragmentos que acompanham o trabalho e que refletem o impacto que o vivido na Escola teve sobre este pesquisador.

Esta exposição que faço refaz minha própria trajetória de pesquisador que se propôs a um “*olhar complexo*” (MORIN, 1990) para o que ocorre na Escola, procurando perceber não só as fragilidades, contradições, mazelas, carências, conflitos, tensões que estão presentes nela, mas também os seus vitalismos, qualidades e as forças que a mantêm viva.

Por primeiro, UM OLHAR SOBRE O TURBILHÃO, a metáfora que escolhi para traduzir a miríade de movimentos, desordens, turbulências, agitações, tensões, conflitos, provenientes da imensa energia humana que a Escola congrega e possibilita fluir, afetando de múltiplas maneiras os que nela convivem. Como registrei, nunca nela se entra e sai da mesma forma, mas sempre contagiados pelas energias que emanam das pessoas que nela convivem, que são geradoras de múltiplos e antagônicos sentimentos e emoções. Inspirado por Balandier (1997) e Morin (1990) passei a perceber o movimento, a ordem e a desordem

como componentes intrínsecos e indissociáveis da Escola e a Organização/Desorganização como resultantes das interações dos componentes vivos que integram e tecem os liames da teia social. Das interações dos sujeitos da Escola, (entre si e com o meio de sua congruência) produz-se essa tessitura que revela a força e o brilho, mas também as fraquezas e obscuridades do sistema que integram.

Percebi que há fontes que fortalecem o turbilhão permanentemente, como aquela das carências dos profissionais de que a Escola precisa. Como pode uma escola manter-se se há escassez de profissionais para sua Organização? Como dar conta de sua missão? Mas não é só isso. A desarticulação e a desorganização dos profissionais que nela atuam é outra fonte das turbulências que perpassam a Escola. Registrei minha perplexidade diante do *laissez-faire* que via predominar, bem como do redemoinho envolvente, desagregador, consumidor de energias. Além disso, percebi que nas faltas e ausências dos profissionais no cumprimento de suas obrigações, comportando-se como se não fizessem parte da Escola, ou agindo por conta própria, se encontra outra fonte perene de abastecimento de seus problemas. Dessas fontes nascem muitas das mazelas e desordens que a Escola produz, envolvendo-a num círculo recorrente que a asfixia e consome. Contudo, como atesta Morin, percebi também que as desordens têm dupla face: a da destruição e a da criação. Também que é preciso perspicácia e atenção para nelas perceber o que de novo anunciam que está para nascer.

Do impacto e das perplexidades suscitadas pelo Turbilhão, nasceram outras inúmeras indagações sobre como poderia a Escola sobreviver e, a cada novo dia, abrir-se para acolher o retorno dos que, apesar de tudo, a ela acorrem. Instigado por Maffesoli, lancei UM OLHAR SOBRE OS VITALISMOS procurando compreender o mistério de sua recriação. Deixei-me conduzir na esteira do que ele chamou de “*razão sensível*” (MAFFESOLI, 1998) para perceber nos encontros e reencontros dos sujeitos da Escola a revelação de um “*hedonismo do cotidiano*” apontando para essa “*outra lógica de estar junto*” que movimenta e fecunda a Escola. Aguçando os sentidos, pude perceber toda a “*efervescência vitalista*” subterrânea presente, não só naqueles que acontecem em sala de aula, mas também nos que se dão nos múltiplos espaços da Escola: nos corredores, nos cantos, escadas, no pátio, em todos os *territórios* onde circulam e se concentram os alunos. No caso dos professores, o horário do recreio é vivido como um partilhar intenso de tudo o

que se prende à vida, de cada um e de todos. Outros *territórios*, como a sala da xerografia, biblioteca, secretaria e a sala da vice-direção acolhem vivências e partilhas que evidenciam a *lógica do doméstico* e as *relações de familiarismo* que sobrevivem na Escola. Não raro, a Escola é o ponto de encontro para outros encontros que acontecem fora dela.

É essa *lógica do sensível*, que valoriza a vida, as partilhas, os sentidos, as individualidades, que reconhece e instiga a manifestação das múltiplas inteligências do ser, o *lençol freático* que alimenta e agrega as pessoas, cimenta as relações, molda e rege a vida que viceja na Escola. Nem sempre é a lógica que predomina. Mas, pelo que percebi, é ela a fonte inesgotável donde jorra a água que produz o prazer que, de alguma forma, o estar-juntos proporciona. É essa força irreprimível, originária da própria vida, que traz consigo os vitalismos que fazem a Escola sobreviver. Mas não só. A força vital da Escola provém também dos movimentos gerados pelos anseios, expectativas, pressões, dos que integram o meio de sua congruência. Assisti a movimentos crescentes de participação dos pais/mães, bem como dos alunos, a partir dos processos de mudanças que marcaram a Escola nesse período. E não apenas para apoiar e ouvir, mas também para reivindicar e exigir. Esta relação esteve sempre marcada pela reciprocidade, e não poucas vezes, por tensões.

Por perceber a potência latente do movimento e dos vitalismos enfoquei meu OLHAR SOBRE AS MUDANÇAS DA ESCOLA, buscando perceber e realçar os processos e movimentos internos de sua transformação. Busquei em Maturana os aportes teóricos que me ajudaram a perceber o fenômeno das mudanças que, assim como no humano, podem atingir os sistemas e organismos sociais. Como ele diz, “*uma mudança em um sistema social (...) somente pode ocorrer através de uma mudança no comportamento dos seus componentes*” (MATURANA, 2001, p. 305), reforçando assim a perspectiva que focaliza os sujeitos da Escola para perceber tais movimentos.

No contexto da Gestão Democrática registrei os difíceis, conflitivos e lentos processos vividos na Escola em busca da sua recriação. Procurei mostrar como isso foi possível a partir da invenção e desenvolvimento de projetos ousados de Formação Continuada, voltados à reflexão dos sujeitos/atores sobre sua forma de ser, estar e conviver na Escola. Ao enalço do que Morin (2000b) chamou de reforma do pensamento e da vida, procurei evidenciar como tais iniciativas têm potencializado e dinamizado os processos de

reforma da Instituição, entre eles a complexa arte da reinvenção do poder no exercício da convivência democrática. Marcado por um intenso, tenso e ambíguo processo de participação, assisti a Escola movimentar-se em busca de uma nova organização.

Tais processos estão indissolúvelmente associados às pessoas que configuram Escola, por que, como acentua Maturana (2001a, p. 305) somente se elas mudarem, a instituição poderá mudar. Busquei enfocar meu olhar nos elos de conglutinação, representantes da “*unitas multiplex*” (MORIN, 1990, p. 140) constituinte da Teia da Escola, em busca de uma compreensão dos sentidos que a ela atribuem os que a tecem e configuram. As sete professoras, que entrevistei individualmente, contaram-me histórias de opções, paixão e sacrifícios para se formarem professoras. Todas afirmaram que gostam e estão realizadas na sua profissão, embora critiquem os baixos rendimentos e apontem para os desgastes e as crescentes dificuldades que enfrentam. A realização profissional está relacionada com a convivência que favorece as partilhas afetivas, bem como a valorização e o reconhecimento dos alunos, com quem estabelecem vínculos que perduram fora dos muros da Escola. De suas presenças e vozes recolhi algumas qualidades que deixam fluir na convivência da Escola, conferindo-lhe a aura que sobressai de sua *organicidade*: Acolhimento, Solidariedade, Disciplina, Entusiasmo, Amizade, Compromisso, Diálogo.

Quanto aos quarenta e três alunos que constituíram as sete amostras entrevistadas, o que disseram não deixou de surpreender. Embora reconheçam que estudar é uma necessidade imposta pelo mercado de trabalho admitem que gostam e vão à Escola por que ela lhes oferece um espaço de encontro e de convivência onde se sentem acolhidos, ouvidos, valorizados, respeitados, motivados, aconselhados, livres e iguais...; sem deixar de expressar suas críticas, o que mais realçaram foram elogios à atuação e às relações com seus professores. Destacaram que eles, acima de tudo, sabem ser amigos e companheiros, que sabem cativar e que ensinam pelo exemplo. Reforçaram a ação daqueles professores que valorizam e promovem a expressão das subjetividades e afetividades e que articulam os saberes com a vida. Disseram que é por causa das amizades produzidas nas relações no dia-a-dia que se sentem motivados a sempre retornar à Escola.

Quanto aos representantes dos pais e mães, que exercem trabalho voluntário na Escola, quer nos órgãos da Gestão Democrática (CPM/Conselho Escolar) quer nas Oficinas

Esportivas, o que disseram é que seu sentido está em contribuir com a Escola Pública que educa seus filhos, além do enorme prazer que sentem em se dedicar, por amor, a um trabalho que lhes gratifica interiormente e que lhes confere um reconhecimento público.

Maturana (1999) oferece amparo teórico para compreender a centralidade das emoções na pulsão da vida, as quais se manifestam em disposições corporais definidoras dos diferentes domínios de ação que movem as pessoas em suas relações. Dentre todas, a do amor (que aceita a legitimidade do outro na convivência) carrega o poder da agregação social. Maffesoli (1996) propõe a adoção da *lógica da identificação* para compreender os sujeitos como um “efeito de composição”, composto e complexo, produtos de situações e experiências que os moldaram para o “jogo de máscaras” da sociedade. Também sugere que a Escola seja vista na perspectiva da “*organicidade*” que a constitui, e como um espaço de “*afetividade em ação*”, provinda do substrato emocional de cada um e fonte do vitalismo irreprimível que alimenta a vida social. Convida a olhar também para a força propulsora que agrega e cimenta as relações que provêm do prazer que de alguma forma o estar-juntos proporciona. A esse vitalismo latente do estar-juntos, que denominou de “*Ética-Estética*”, caracterizou como sendo um vetor de criação. Disse que dessa Estética nascem as Éticas que, provindo do interior profundo de cada um, permeiam e qualificam as relações, podendo até conflitar com as morais estabelecidas.

Foi a partir dessa compreensão que me propus a lançar UM OLHAR SOBRE AS ÉTICAS PRESENTES NA ESCOLA. Sendo organização viva e em movimento contínuo, a Escola pode ser vista como o lócus de explosão de todas as emoções constituintes do ser, bem como das éticas produzidas pelo prazer que o estar-juntos proporciona. Pude perceber que, na Escola, as emoções fluem livres, soltas, imprevisíveis, incontroláveis. Sua manifestação carrega a força da criação, mas também a da destruição, podendo tanto alimentar como frear o turbilhão que consome a Escola.

Vi a Escola se constituir como um lócus permanente de explosão de agressividades, manifestas na aspereza das palavras proferidas, provocações, hostilidades, ofensas, agressões, às vezes também físicas. Vi manifestar-se sob forma de ira e raiva. Desse caudal geram-se outras emoções e comportamentos que normalmente são destruidores da convivência social. Contudo, assisti também provocarem mudanças comportamentais e

gerarem novos acordos de convivência. Pude perceber que elas escondem também uma face criativa e que podem produzir energias que dinamizem e concorram para o bem da Escola.

Vi a Escola se constituir num espaço de manifestação de aflições e angústias, decorrentes de situações geradas no âmbito das relações de cada um e/ou dos descompassos, incongruências e frustrações com as quais se convive no âmbito escolar. As queixas são sua melhor expressão, concorrendo para um círculo vicioso recorrente, gerador de conformismo, tristeza, desgosto, pessimismo, desânimo e indiferença. Contudo, vi também provocarem reações de inconformidade e insubordinação e gerar movimentos marcados pela ousadia como a persistente busca de recursos necessários à organização escolar.

Vi o ambiente da Escola ser perpassado por ressentimentos e mágoas, reavivadas como resistência e preservação, gerando desconfortos e desconfianças, alimentando a desunião e a desarticulação. Assisti também a vivências perpassadas de diálogo e autocrítica, gerando reconciliação e perdão e possibilitando o reatamento de relações. Também vi a Escola se constituir num lócus de audição, alívio e consolo para as dores e sofrimentos que cada um traz consigo.

Vi manifestar-se com força sentimentos de ciúmes e invejas, ganhando forma nas fofocas e intrigas, disseminando a incompreensão e a desconfiança, provocando prejuízos às pessoas e desgastes nas relações. Vi transfigurarem-se na dissimulação que obscurece as intenções e desejos. Vi ganhar forma e alimentar o espírito de competição e de rivalidade em busca da realização de vaidades pessoais. Às vezes, porém, as vi concorrerem de forma criativa e cooperativa para conferir à Escola algum ganho e brilho.

Também vi eclodir na Escola manifestações de tristeza, amargura e depressão, expressões contundentes da crise que envolve e suga as energias vitais das pessoas. Percebi, porém, que de sua manifestação podem surgir impulsos e atitudes múltiplas, como as de compaixão e solidariedade com quem padece. Vi lágrimas verterem por quem prematuramente partiu; vi outras rolaem em comiseração com quem ficou só; vi lágrimas de indignação, impotência e raiva, diante de situações opressivas. Vi também lágrimas de satisfação de quem foi surpreendido por alguma homenagem. Vi gente emocionar-se por ter

seu trabalho reconhecido, elogiado. Certo dia assisti a uma cena incomum: vi uma professora chorar, desconsolada, diante de seus alunos. Quis saber o porquê e ela me falou que sentia dor porque seus alunos não queriam estudar.

Mas eu também vi na Escola manifestar-se a alegria de viver e conviver, perpassando as relações e temperando de felicidade os tempos vividos juntos. Vi manifestar-se nas saudações, beijos e abraços que acolhem os encontros e reencontros diários, dando vazão aos afetos de cada um, fazendo com que nenhum dia repita o outro vivido. O que mais os alunos destacaram do seu gostar da Escola é que ela lhes proporciona esse calor do encontro, da convivência, do cultivo das amizades, da descoberta dos outros. Sentem-se nela acolhidos, respeitados e ouvidos.

Eu também vi manifestar-se na Escola a força do Amor. Vi revelar-se na abertura pessoal para reconhecer, defender, acolher, integrar uns aos outros na convivência. Vi manifestar-se na forma de preocupação com os que sofrem dos males da alma e/ou preconceitos e discriminações. Vi revelar-se nas relações perpassadas de ternura e respeito mútuo e nos pequenos gestos de delicadeza e apoio nas dificuldades. Vi promover a generosidade e despertar disposições e iniciativas de solidariedade, principalmente nas horas de sofrimento e necessidades. Vi realizar-se na cooperação de uns com os outros, no assumir e repartir responsabilidades no trabalho, amparando-se mutuamente em necessidades corriqueiras ou emergenciais do dia-a-dia. Vi o amor mostrar-se na doação e no desprendimento pessoal em prol dos outros e da Escola. Notei sua presença no zelo em promover e defender a Escola e as pessoas que a integram.

Vi também a Escola constituir-se como o lugar do Cuidado. Em seu nome, vi servir-se o chá que alivia a dor momentânea, passar-se o reiqui, ouvir e abraçar-se aquele a quem o inusitado fragilizou. Vi promover a retomada do diálogo para restabelecer a comunhão ferida, e acalorar discussões em busca de novos acordos de convivência. Quase sempre eu o vi revestido de ternura, carinho e bondade; às vezes, porém, mostrou-se na dureza das cobranças e exigências do cumprimento do *dever-ser* profissional e institucional. Eu o vi promover incansáveis discussões em sala de aula, nas assembléias de turma, nos conselhos de classe, nas reuniões de séries, áreas, nas reuniões dos professores, setores de

coordenação e da equipe diretiva. Vi despertar para iniciativas e chamar a novos compromissos.

Percebi assim que, embora a Escola esteja mergulhada e dominada pelo turbilhão que a consome e faz sofrer, ela também abriga vitalismos e forças poderosas que concorrem para sua permanência. Percebi que uma dessas forças origina-se na estética que o estar-juntos proporciona. Por promover a agregação e possibilitar a convivência prazerosa, a Escola traz consigo essa potência que se manifesta na sua recriação diária, por força dos sujeitos que nela encontram um espaço de estético conviver. Desse aluvião inesgotável brotam as éticas que qualificam as relações e ornámbiente que a distinguem.

Desta forma, percebi que a Escola se constitui também como um espaço de magia e de criação, decorrentes do Encontro e do Prazer da Convivência. Nela, cada um, e todos juntos, podem usar o seu condão pessoal para doar-se por inteiro à tarefa de criar e recriar as circunstâncias de suas vidas. Quando se descobre esse poder mágico da criação, que às vezes encontra-se adormecido, e quando ele é exercido de forma coletiva, a vida deixa de ser um enfadonho vale de lágrimas, para dar lugar à busca incansável de realização dos desejos, individuais e coletivos. Quando se descobre que, como afirma Maturana, nada do que se faz, pensa e diz é trivial ou irrelevante, que toda ação tem conseqüências no domínio das mudanças estruturais a que pertencemos, então a vida ganha um outro sentido. Aprende-se a dar um toque de magia em tudo o que configura o contexto da vida; aprende-se a assumir e viver a vida na perspectiva da ética do cuidado que faz cada um sentir-se, como diz Morin, cem por cento responsável por tudo o que faz, pensa e diz. Quando isso começa a acontecer, emerge em cada um a sua dimensão poética, adormecida e subjugada, que enche a vida de prazer e sentido. O que vem depois é aquilo que faz da vida uma obra de arte, bela, prazerosa e digna de ser vivida, mesmo que em situações adversas, como a de ser educadores em tempos difíceis como os nossos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANDIER, George. **A Desordem: Elogio do Movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a. 261 pág.

- _____. **O Contorno: Poder e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b. 278 pág.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999. 199 pág.
- _____. **Ética da Vida.** Brasília: Letraviva, 2ª edição, 2000b. 241 pág.
- _____. **Ética e Moral – A Busca dos Fundamentos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 125 Pág
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Petrópolis (RJ): Vozes, 1996. 350 pág.
- _____. **A transfiguração do político – a tribalização do mundo.** Porto Alegre: Sulina, 1997. 286 pág.
- _____. **Elogio da Razão Sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998. 207 pág.
- _____. **A contemplação do Mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. 168 pág.
- _____. **O Tempo das Tribos – O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª edição, 2000. 232 pág.
- _____. **A Violência Totalitária – Ensaio de Antropologia Política.** Porto Alegre: Sulina, 2001a. 312 pág.
- _____. **A Conquista do Presente – Por uma Sociologia da Vida Cotidiana.** Natal: Argos, 2001b. 229 pág.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª reimpressão, 1999. 98 pág.
- _____. **A Ontologia da Realidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2ª reimpressão, 2001a. 350 pág.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** São Paulo: Palas Athena, 2001b. 283 pág.
- MATURANA, Humberto e GARCIA, Francisco Varela. **De Máquinas e Seres Vivos – Autopoiese: A organização do vivo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª edição, 1997. 138 pág.
- MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. **Formação Humana e Capacitação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 86 pág.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez; Brasília: UNESCO, 2000a. 118 pág.
- _____. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b. 128 pág.
- _____. **Para Sair do Século XX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 361 pág.
- _____. **Um Ano Sísifo: Diário de um Fim de Século.** Portugal: Publicações Europa-América, Lda, 1998a. 425 pág.

- _____. **Saberes Globais e Saberes Locais – O olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: Garamond, 2000c. 76 pág.
- _____. **O Método 3. O conhecimento do Conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 1999a. 312 pág.
- _____. **O Método 4. As Idéias – Habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 2ª edição, 2001. 320 pág.
- _____. **O Método 5. A Humanidade da humanidade – A identidade Humana.** Porto Alegre: Sulina, 2002. 312 pág.
- _____. **Ciência com Consciência.** Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América Lda, 1990. 263 pág.
- _____. **Amor, Poesia, Sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 1999b. 68 pág.
- _____. **Meus Demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 274 pág.
- _____. **O Paradigma Perdido – A natureza humana.** Mens Martins (Portugal): Publicações Europa-América Lda, 6ª edição, 2000d. 222 pág.
- _____. **Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental.** Natal: editora da UFRN, 2000e. 58 pág.
- _____. **A Religação dos Saberes – O Desafio do Século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b. 583 pág.
- _____. **Em Busca dos Fundamentos Perdidos – Textos sobre o Marxismo.** Porto Alegre: Sulina, 2002b. 128 Pág.
- MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2000f. 263 pág.
- MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 1995. 192 pág.
- MORIN, Edgar; PRIGOGINE, Ilya e outros. **A Sociedade em Busca de Valores. Para Fugir à Alternativa entre o Cepticismo e o Dogmatismo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1998b. 264 pág.